

O bilinguismo dos surdos: acesso às línguas, usos e atitudes linguísticas

Giselli Mara da Silva¹

Resumo

O bilinguismo vivido pela comunidade surda é um tipo de bilinguismo de minoria em que os membros dessa comunidade usam a língua de sinais e a língua oficial do país em diferentes domínios no cotidiano. Ainda que recentemente tenhamos avançado no reconhecimento de direitos linguísticos dos surdos no Brasil e na descrição da Libras, a situação de bilinguismo vivida pelos surdos brasileiros permanece ainda pouco descrita. Considerando tais questões, propõe-se, neste artigo, conduzir uma reflexão acerca do bilinguismo dos surdos, por meio de uma revisão bibliográfica de estudos sobre bilinguismo e surdez, em sua maioria conduzidos fora do Brasil. Serão discutidas questões relativas à história linguística dos surdos, o uso cotidiano das línguas e o papel das atitudes linguísticas. Tais fatores são fundamentais na compreensão do perfil de surdos bilíngues intermodais, sendo cruciais em pesquisas que visem descrever e analisar o bilinguismo dos surdos no Brasil.

Palavras-chave: *Bilinguismo dos surdos. Bilinguismo intermodal. Língua de sinais. Libras. Português*

¹ Graduada em Letras, mestre em Educação e doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG. É professora adjunta na Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: gisellims@yahoo.com.br

Introdução

O bilinguismo vivido pela comunidade surda é um tipo de bilinguismo de minoria em que os membros dessa comunidade usam a língua de sinais e a língua majoritária no cotidiano (GROSJEAN, 1992, 2008). Como explica Ann (2001), até onde sabemos, não há sociedades onde todos sejam surdos e, conseqüentemente, não se pode esperar uma situação de monolingüismo territorial, em que todos os indivíduos sejam surdos falantes de uma mesma língua de sinais (LS) natural. O mais comum é que surdos, usuários de línguas de sinais, e ouvintes, usuários de línguas orais, compartilhem um mesmo espaço geográfico, o que coloca os indivíduos e suas línguas em contato. Mesmo que na literatura haja a descrição de casos de comunidades onde indivíduos surdos e ouvintes compartilhem uma LS², esses casos são a exceção. A situação mais comum nas sociedades letradas é que os surdos utilizem, em algum nível, duas línguas em seu cotidiano – a LS da comunidade surda local e a língua oficial oral e/ou escrita.

A situação de bilinguismo vivida pelos surdos foi reconhecida somente recentemente (ANN, 2001; GROSJEAN, 2008), como consequência do reconhecimento das línguas de sinais como línguas plenas na Linguística. Segundo Grosjean (1994), poucas áreas da Linguística têm sido cercadas de equívocos como o Bilinguismo. E, ainda, no caso dos surdos, o reconhecimento recente das línguas de sinais e o preconceito relacionado à surdez e ao uso de uma língua espaço-visual têm complicado um pouco mais a compreensão acerca de seu bilinguismo. Apesar de termos alcançado muitos avanços, nos últimos anos, em termos do reconhecimento de direitos dos surdos no Brasil, sejam linguísticos ou de outra ordem (BRASIL, 2005), em termos da descrição da Libras (ver, por exemplo, QUADROS, 2013) ou no que diz respeito à educação bilíngue, a situação de bilinguismo vivida pelos surdos brasileiros permanece ainda pouco descrita. Destacamos aqui, no caso do Brasil, pesquisas na área do Bilinguismo, voltadas à descrição da aquisição da linguagem por bilíngues intermodais, surdos e ouvintes (CRUZ; PIZZIO; QUADROS, 2015; QUADROS et al., 2016; entre outros). Porém, no que tange aos padrões de uso das línguas (SOUSA; QUADROS, 2012), ao

² Como relata Ann (2001), há na literatura menção principalmente a três casos: a ilha de Martha's Vineyard nos EUA, a vila DesaKolok na Indonésia e a vila maia Yucatec, no México. O aspecto comum entre esses lugares é que os ouvintes, ao invés dos surdos, desenvolveram um bilinguismo intermodal, aprendendo a LS além da língua oral, sendo que os surdos eram integrados “naturalmente” nas atividades sociais dessas localidades.

processamento da linguagem por adultos surdos bilíngues e às atitudes linguísticas, os trabalhos são bastante escassos. Ressalta-se a importância de tal tema no tocante à definição de políticas linguísticas, ao planejamento educacional e à forma como concebemos esses bilíngues, inclusive quando da seleção de participantes adultos para pesquisas em linguística.

Considerando tais questões, neste artigo, pretende-se desenvolver uma revisão bibliográfica de estudos conduzidos, em sua maioria, fora do Brasil, voltados para o bilinguismo de surdos, tratando especialmente de três pontos essenciais na descrição de bilíngues: a história linguística, o uso das línguas no cotidiano e, finalmente, questões atitudinais que envolvem o uso das línguas. Pretende-se refletir, ao longo do artigo, sobre as semelhanças e diferenças que existem entre o bilinguismo dos surdos e o bilinguismo que envolve duas línguas orais. Sendo assim, na próxima seção do artigo, iniciamos com o conceito(s) de bilinguismo e com uma apresentação geral das características do bilinguismo dos surdos. Em seguida, apresenta-se a seção sobre história linguística dos surdos, descrevendo especialmente questões que envolvem o acesso à LS e à língua majoritária. Nas duas seções posteriores, discutimos as questões de uso das línguas e das modalidades pelos surdos e, posteriormente, o papel das atitudes linguísticas. A última seção, com as considerações finais, traz uma reflexão sobre a importância de estudos que explorem as múltiplas dimensões do bilinguismo dos surdos.

Bilinguismo

Os estudos sobre o Bilinguismo e o Multilinguismo, conforme relata Wei (2013), tem uma longa história, ainda que somente no último século, especialmente a partir dos anos 1970, essa temática tenha recebido maior foco das pesquisas científicas. Essas pesquisas vêm se desenvolvendo a partir de perspectivas diversas, construídas em campos também diversos como a Linguística, a Sociologia, a Psicologia, a Neurologia, entre outros e, conseqüentemente, a partir de diferentes propostas conceituais e metodológicas. De maneira geral, pode-se definir o Bilinguismo e o Multilinguismo como “a coexistência, o contato e a interação de diferentes

línguas”, seja no nível social ou individual (WEI, 2013, p. 26)³. Nos estudos em Linguística, os conceitos de Bilinguismo, ao longo do século XX, foram-se tornando mais amplos. Desde Bloomfield (1933 *apud* MACKKEY, 2000) – que propôs que o bilinguismo se referia ao controle nativo de ambas as línguas – até os dias de hoje, muito se tem discutido sobre o bilinguismo e o ponto no qual um indivíduo se tornaria bilíngue. Mackey (2000), dando ênfase à dimensão individual, considera então que tal conceito é extremamente relativo e que o foco no uso das línguas é uma alternativa para abordar o bilinguismo de forma mais ampla. Dessa forma, Grosjean (1998, 2008, 2013), dando ênfase à dimensão de uso das línguas pelo bilíngue em detrimento da fluência, define o bilinguismo como o uso de duas ou mais línguas (ou dialetos) na vida cotidiana. Essa definição, conforme o autor, abarca um número bem maior de falantes de línguas do que as definições baseadas na fluência, sendo, portanto, mais realista.

Grosjean (2008) argumenta que a conceituação de bilinguismo focada na fluência e até mesmo no equilíbrio entre as duas línguas provém de uma visão monolíngue (ou fracionada) dos bilíngues. Numa versão forte dessa visão, o bilíngue teria duas competências linguísticas separadas, competências essas que deveriam ser iguais às de monolíngues. Segundo o autor, infelizmente, essa visão ainda é muito forte já que as ciências da linguagem têm-se desenvolvido a partir de estudos com monolíngues, e as teorias e métodos gerados têm sido utilizados no estudo com bilíngues sem a devida crítica. Opondo-se a essa visão monolíngue, dever-se-ia considerar uma visão holística do bilíngue, na qual esse é visto como um todo integrado, em que a coexistência de duas línguas produz um sistema linguístico completo, mas diferente (GROSJEAN, 2008, p. 13-14). Nessa perspectiva, não se espera que um bilíngue domine igualmente as duas línguas em todas as modalidades (oral ou sinalizada e escrita) e em todas as quatro habilidades (compreensão oral e escrita e produção oral e escrita). Pelo contrário, compreende-se que o bilíngue vai desenvolver a fluência conforme sua história linguística e a necessidade de uso das línguas no cotidiano.

Considerando o conceito de bilinguismo proposto por Grosjean e uma visão holística dos bilíngues (GROSJEAN, 1998, 2008, 2013), pode-se compreender perfeitamente os surdos como sujeitos potencialmente bilíngues, que podem adquirir a LS da comunidade surda e a

³ “Bilingualism and multilingualism refer to the coexistence, contact, and interaction of different languages. The coexistence may take place at the societal level or the individual level” (WEI, 2013, p. 26).

língua majoritária. Esses bilíngues podem usar essas duas línguas em seu cotidiano para diferentes funções em contextos diversos, desenvolvendo diferentes níveis de fluência. Assim, para ser considerado bilíngue, um surdo não precisa dominar a LS e a língua majoritária em todas as suas modalidades, nem desenvolver todas as habilidades. Ao contrário, as situações de bilinguismo vividas pelos surdos vão propiciar e demandar diferentes necessidades e usos das línguas e, assim, vão-se delinear diferentes tipos de bilinguismo entre eles, como veremos mais adiante.

Por envolver duas línguas de modalidades diferentes – uma língua espaço-visual e uma língua oral-auditiva, o bilinguismo dos surdos é conhecido como bilinguismo bimodal ou intermodal⁴. Esse tipo de bilinguismo dos surdos guarda semelhanças e diferenças com o bilinguismo vivenciado por pessoas ouvintes que usam duas línguas orais, como iremos discutir ao longo deste trabalho.

Cabe esclarecer que o uso da LS e da língua oficial do país onde vivem, apesar de ser o tipo de bilinguismo mais comum entre os surdos, não é o único tipo de bilinguismo vivenciado nas comunidades surdas. Os surdos podem adquirir outras línguas, inclusive outras línguas de sinais, ou mesmo podem viver em situações de multilinguismo mais complexas. Num trabalho sobre a situação de multilinguismo de surdos espanhóis que vivem em Barcelona, Morales-López e colaboradores (2002) descrevem e discutem sobre a situação dos surdos que vivem em Barcelona, onde o espanhol e o catalão são comumente usados, inclusive nos ambientes educacionais, sendo que a comunidade surda local ainda propõe uma distinção entre a Língua de Sinais Espanhola e a Língua de Sinais Catalã.

A questão do acesso às línguas

O bilinguismo dos surdos, diferentemente de outros tipos de bilinguismo, não é determinado territorialmente, nem emerge como resultado de migrações ou de uma política

⁴ Optamos por essa nomenclatura neste trabalho. Porém, é importante salientar que essa nomenclatura não é completamente aceita, já que há uma discussão sobre o fato de bilíngues surdos acessarem a língua falada também por meio da visão, sendo que se propõem novos termos para definir, tal como bilíngues surdos de fala e sinais, entre outros (WOLL; MACSWEENEY, 2016).

linguística da família; para a maioria dos surdos, que nascem em famílias ouvintes onde não se utiliza a LS, o bilinguismo vai depender de medidas apropriadas de suporte (PLAZA-PUST, 2014). Sendo assim, o acesso dos surdos às duas línguas torna-se mais complexo, sendo determinado por dois fatores não usuais no caso de outras minorias linguísticas: (i) o estatuto desigual das línguas no nível da transmissão pais-crianças, já que se estima que mais de 90% dos surdos sejam filhos de pessoas ouvintes; (ii) o acesso desigual às línguas, pois não há acesso ao *input* auditivo ou esse é limitado (PLAZA-PUST, 2012). Conforme revisão de Plaza-Pust (2012), as noções de primeira língua (L1) e língua materna são associadas a critérios de idade (primeira língua adquirida) e ambiente (a língua usada em casa), sendo assumido o pleno acesso à língua pela criança. Porém, no caso dos surdos, a “acessibilidade” torna-se um critério fundamental na definição de qual língua será considerada a L1, já que as pessoas surdas somente podem acessar plenamente e adquirir “naturalmente” as línguas de sinais.

Diferente de outros grupos minoritários que adquirem a língua da casa como L1, a maioria dos surdos não encontrará em sua família a possibilidade de aquisição de uma língua “acessível” a eles. Assim, a aquisição da LS na infância vai depender da participação em projetos ou programas que visam garantir o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda em idade pré-escolar. Porém, no Brasil, até onde vai nosso conhecimento, não há programas ou projetos sistemáticos e amplos desse tipo⁵. Devido às necessidades comunicativas e à falta de uma língua acessível nos lares ouvintes, é muito comum que os surdos desenvolvam um sistema gestual individual, chamados de “sinais caseiros”, para se comunicarem com sua família (QUADROS; CRUZ, 2011) e, somente num momento posterior em suas vidas adquiram a LS. Assim, para muitos, a aquisição da LS vai se dar no ingresso em escolas onde haja usuários de LS ou, ainda, no contato com surdos em ambientes diversos, tais como associações, clubes, etc. Encontram-se assim surdos que viveram longos períodos de certo nível de privação linguística.

Mayberry (2007) aponta a complexidade das questões culturais e biológicas que envolvem a aquisição da LS pelas crianças surdas. A autora destaca como, diferentemente do

⁵ Em países como a Suécia (AHLGREN, 1994 *apud* QUADROS, 1997) e os Estados Unidos (HOFFMEISTER, 1999), existem programas de apoio à família de surdos, nos quais se desenvolvem condições que possibilitem que a criança adquira a LS como L1 antes de seu ingresso na escola.

caso das crianças ouvintes⁶, no caso das crianças surdas a idade de início da exposição a sua L1 é bastante variável, dependendo de inúmeros fatores, tais como a idade de diagnóstico da surdez, os serviços de atendimento disponíveis, os quais geralmente focam na audição e treinamento da fala, entre outros (MAYBERRY, 2007). Boudreault e Mayberry (2006), por exemplo, considerando o perfil dos 30 participantes surdos, cuja idade de exposição à L1 variou de desde o nascimento até os 13 anos de idade, classificaram esses participantes como: (i) aprendizes nativos (*native learners*) – adquiriram a LS desde o nascimento; (ii) aprendizes primevos de L1 (*early learners*) – adquiriram a LS quando matriculados numa escola para surdos entre as idades de 5 a 7 anos; e aprendizes tardios de L1 (*delayed first-language learners*) – adquiriram a LS entre 8 e 13 anos. No contexto brasileiro, Quadros e Cruz (2011) realizaram uma pesquisa com 101 surdos, encontrando alta variação na idade de exposição à Libras: 40 participantes iniciaram a aquisição antes dos 4 anos e 6 meses; 51 surdos, no período entre 4 anos e 7 meses e 9 anos; e 10 participantes, depois de 10 anos.

Destaca-se que essa situação peculiar de isolamento linguístico tem consequências em vários níveis de desenvolvimento dos surdos. Particularmente no que tange à aquisição e ao processamento das línguas, a idade de aquisição da LS é um fator importantíssimo a ser considerado, tendo impacto não somente no processamento da L1, como também na posterior aprendizagem de outras línguas. Em relação à L1, estudos mostram evidências de que a idade de aquisição de LS exerce um efeito forte no resultado da aquisição de LS, que se estende ao longo da vida, podendo ser encontrado nos níveis sintático, fonológico e lexical (MAYBERRY, 2007).

Apesar de o bilinguismo não ser a exceção, já que se estima que metade da população mundial seja bilíngue, constantemente questionam-se as consequências cognitivas e desenvolvimentais do bilinguismo, sugerindo consequências negativas a partir de testes que não consideram o tipo de *input* ao qual as crianças têm acesso (GROSJEAN, 2008). Em relação ao bilinguismo dos surdos, pode-se dizer que esse escrutínio dos efeitos negativos é ainda reforçado por uma visão clínica da surdez que vê a LS como um instrumento “compensador”

⁶ Obviamente, excetuando-se aqui casos aberrantes e atípicos de crianças ouvintes que viveram privação linguística, como o caso de Genie (CURTISS, 1997, *apud* MAYBERRY, 2007) ou outros casos, cujos relatos são sumarizados por Sacks (1998).

e não como sistema linguístico legítimo. Nesse sentido, é importante destacar que várias pesquisas têm sido conduzidas no sentido de mostrar que o bilinguismo (leia-se LS como L1 e língua majoritária como L2) não seria danoso às crianças surdas, mas, ao contrário, traria benefícios no que tange à possibilidade de exposição precoce e natural a uma língua visual, que viabilizaria o desenvolvimento global da criança surda (SACKS, 1998; GOLDFELD, 2002) e proveria acesso a estruturas linguísticas abstratas e potencialmente poderia servir de andaime para a aprendizagem subsequente de outras línguas (CRUZ; PIZZIO; QUADROS, 2015; MAYBERRY, 2007). Considera-se, assim, que o bilinguismo para as pessoas surdas pode trazer vantagens em vários níveis, inclusive na aprendizagem da fala e da escrita.

Mayberry (2007) apresenta estudos desenvolvidos por ela e colaboradores que apontam que a exposição precoce e rica à LS pode ter impacto no desenvolvimento das habilidades de leitura em inglês como L2, afirmando que habilidades bem desenvolvidas numa língua visual podem servir como um andaime para as habilidades na representação visual de uma língua falada. Hoffmeister (2000) e Strong e Prinz (2000) apresentam suas pesquisas sobre a relação entre os conhecimentos em língua de sinais americana (ASL) e a aprendizagem da leitura em inglês em crianças e adolescentes surdos e concluem que há uma relação positiva entre a competência em ASL e as habilidades de leitura. No Brasil, Simone Silva (2016), numa pesquisa sobre a relação entre compreensão leitora em português e exposição às línguas em ambientes educacionais conclui que: (i) surdos em ambientes bilíngues tendem a compreender melhor o que leem do que surdos que não têm oportunidade de interagir com outros surdos e partilhar a LS e a cultura surda; (ii) surdos com mais proficiência em Libras tendem a ter melhor desempenho na leitura em português.

No caso da língua majoritária, dependendo das escolhas e/ou contingências vividas pela família, a aprendizagem poderá se iniciar com o tratamento fonoaudiológico, focando-se na língua falada, ou com a entrada na escola, por meio do processo de alfabetização. Devido ao impedimento auditivo, os surdos não poderão adquirir a língua majoritária em interações face a face, dependendo de uma situação formal para ter acesso à língua. Em relação à língua escrita, conforme revisão de Plaza-Pust (2012), há um consenso a respeito da possibilidade de o surdo aprender diretamente a língua escrita como L2; porém, há pouco consenso sobre a possibilidade de a criança compensar a lacuna do acesso à língua falada, tomando outros

caminhos na aprendizagem da escrita e adquirindo com sucesso a gramática da L2. No contexto brasileiro, de modo geral, os pesquisadores da área, que defendem a educação bilíngue para surdos numa abordagem em que a Libras é a L1, e o português escrito é a L2, assumem a importância da LS na aquisição da escrita e a autonomia da língua escrita em relação à fala (por exemplo, FERNANDES, 1999) ou ainda discutem as vantagens cognitivas para a criança surda do processo de alfabetização na escrita de sinais para um posterior processo de alfabetização na língua majoritária (por exemplo, QUADROS, 1997).

Plaza-Pust (2012) afirma que, no caso do bilinguismo dos surdos, a educação assume um papel ainda mais proeminente, e a forma como a educação responde às necessidades linguísticas dos surdos tem sido um tema recorrente nas pesquisas sobre bilinguismo intermodal. Essa autora explica ainda que, atualmente as experiências educacionais podem ser vistas em forma de um continuum, que varia de abordagens estritamente monolíngues (Oralismo) a modelos de educação bilíngue com diferentes abordagens conforme o status das línguas na educação e o planejamento linguístico em relação à LS. No Brasil, há vários trabalhos que denunciam a precariedade da educação de surdos, apontando os problemas enfrentados pelos surdos no acesso à Libras e ao ensino dessa língua, bem como no acesso ao ensino de português (S. SILVA, 2008; G. SILVA, 2010; I. SILVA, 2005, entre outros). De modo geral, desde o nascimento até o diagnóstico da surdez e as decisões familiares a respeito do melhor encaminhamento educacional e/ou terapêutico para o filho, a maioria das pessoas surdas, excetuando-se os filhos de surdos usuários da LS, podem passar por privação linguística (SACKS, 1998), além de viver experiências bastante diversificadas no tocante à exposição à LS e à língua majoritária, em sua modalidade oral ou escrita (GROSJEAN, 1992, 2008; PLAZA-PUST, 2012, entre outros).

Diferentes perfis de bilíngues surdos e o uso das línguas

Grosjean (2008), ao descrever o bilinguismo do surdo, focando em aspectos relativos ao uso das línguas e à fluência nessas línguas, explica que o bilinguismo vivido por esse grupo guarda semelhanças e diferenças com o bilinguismo de línguas orais. Assim como os bilíngues

que falam duas línguas orais, os bilíngues intermodais são bastante diversos, desenvolvendo conhecimentos e usos também diversos de suas línguas. Entre os aspectos que interferem nessa diversidade, estão o nível de perda auditiva, o período em que ocorreu a surdez, a língua usada na infância, o tipo de educação, entre outros (GROSJEAN, 1992, 2008). Porém, o uso de uma língua sinalizada, além de outras experiências linguísticas, implica algumas especificidades no bilinguismo intermodal. Como dissemos acima, surdos e ouvintes e, conseqüentemente, línguas de sinais e línguas orais, estão em constante contato, dando origem: (i) a mesclas linguísticas, como ocorrem nas línguas orais, mas com algumas especificidades; e (ii) também a “sistemas codificados manualmente”, em que sinais da LS natural e outros sinais “inventados” são usados para representar a estrutura da língua oral.

Buscando apresentar as múltiplas possibilidades de usos das línguas pelos bilíngues intermodais, Grosjean (2008) elaborou um quadro, cuja tradução apresentamos no quadro 1, sintetizando as habilidades e modalidades envolvidas no bilinguismo dos surdos. Essa proposta busca retratar as possibilidades de um bilíngue intermodal em termos de produção e percepção das três modalidades de língua – oral, escrita e sinalizada, além do alfabeto manual, que foi considerado como pertencente às duas línguas, já que é uma representação visual da ortografia da língua oral, além de estar integrado de variadas formas na LS⁷.

⁷ A título de exemplificação, podem-se citar os empréstimos da língua oral para a LS via alfabeto manual.

Modalidade	Língua oral		Língua de sinais	
	Produção	Percepção	Produção	Percepção
Fala	Falar	Escutar Fazer leitura labial (+/- <i>cued speech</i>)	xxxxx	xxxxx
Escrita	Escrever	Ler	Escrever LS	Ler LS
Sinal	Produzir uma versão sinalizada	Perceber uma versão sinalizada	Sinalizar	Perceber a sinalização
Soletração manual	Produzir e perceber alfabeto manual.			

Quadro 1: As línguas, habilidades e modalidades envolvidas no bilinguismo do surdo (GROSJEAN, 2008, p. 222).

Em relação ao uso da LS, os surdos sinalizam e compreendem as sinalizações, além de poderem usar a LS escrita, dado o desenvolvimento recente de um sistema de escrita, chamado SignWriting⁸. No caso do Brasil, Capovilla, Raphael e Mauricio (2012), destacam que nos últimos anos, a escrita da LS, que inicialmente foi usada para fins acadêmicos, vem sendo usada pela comunidade surda. Porém, apesar de o sistema ter ganhado certa “popularidade” entre os surdos, ainda não é usado amplamente para alfabetizar as crianças nas escolas, sendo que geralmente os usuários dessa escrita a aprendem em outros ambientes. No que tange à língua oral, o surdo pode aprender a falar e a ler os lábios, sendo que a leitura labial pode ser feita ou não com o auxílio de representações manuais dos fonemas, como é o caso do sistema *cued speech*⁹, citado no quadro. Além disso, os surdos podem usar sistemas de representação

⁸ *SignWriting* (SW) “é um sistema de escrita visual direta de sinais que é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais (i.e., as formas, articulações, configuração de mão(s), [...]) do mesmo modo como o Alfabeto Fonético Internacional”; é um tipo de alfabeto não arbitrário, ou seja, em que as formas das letras não são arbitrárias (CAPOVILLA; RAFAEL; MAURICIO, 2012, p. 169).

⁹ “Some deaf people use a system of communication known as *cued speech*, more accurately *cued English* or *cued French*, for example. *Cued speech* is a response to the problem that only a small percentage of the sounds of spoken languages are able to be distinguished through lip reading. *Cued speech* replaces the auditory signal by using handshape–mouthshape pairs to represent consonant phonemes and hand placement–mouthshape pairs to

manual da língua oral, dando origem a uma versão sinalizada das línguas majoritárias (por exemplo: inglês sinalizado, francês sinalizado, etc.). Apesar de o uso desses códigos manuais no Brasil ser menos comum e menos sistematizado, há o uso do chamado “português sinalizado” em diversas situações, seja no ambiente educacional ou em outros ambientes de interação entre surdos e entre surdos e ouvintes, e por motivos variados, tal como a adaptação ao contexto interacional, a falta de fluência na LS de algum dos participantes, etc.

Grosjean (2008) destaca ainda uma diferença importante dos bilíngues surdos em relação aos ouvintes:

A última diferença é que os padrões de conhecimento e a utilização das línguas parecem ser um pouco diferentes, e, provavelmente, mais complexos, do que no bilinguismo de línguas faladas. Quando um bilíngue de língua de sinais usa uma língua de sinais com um interlocutor, uma forma de língua falada sinalizada com outro, uma mescla de ambos com uma terceira, uma forma de comunicação simultânea (sinal e voz) com uma quarta, etc., os diversos comportamentos são o resultado de um número de fatores complexos [...] (GROSJEAN, 2008, p. 226)¹⁰.

Essa complexidade dos usos de conhecimento das línguas pelos bilíngues surdos se deve a vários fatores: (1) o conhecimento real da LS e da língua majoritária; (2) os canais de produção utilizados (manual, oral e escrito), que, inclusive, proporcionam o uso de versões sinalizadas das línguas orais; (3) a presença de outra língua num modo bilíngue (GROSJEAN, 2008, p. 226). Conforme explicam Andrews e Rusher (2010), a respeito do contexto americano, surdos adultos e jovens se movimentam ao longo de um contínuo que vai de uma ASL “pura” ou a uma mescla de ASL com o inglês, ou de um inglês “puro” a uma mescla do inglês com a ASL, dependendo de três principais fatores: o interlocutor, o tema da interação e suas histórias linguísticas e educacionais. Conforme explicam esses autores, os surdos “alternam, mesclam ou sobrepõem [as línguas] com o objetivo de acomodar a comunicação e

represent vowel phonemes. Cued English is not a natural language but away of making a spoken language clear to a deaf person. Some deaf cuers of English are not signers of ASL”(ANN, 2001, p.43).

¹⁰“The final differences that the patterns of language knowledge and use appear to be somewhat different, and probably more complex, than in spoken language bilingualism. When a sign language bilingual uses sign language with one interlocutor, a form of signed spoken language with another, a mixture of the two with a third, a form of simultaneous communication (sign and speech) with a fourth, etc., the diverse behaviors are the result of a number of complex factors [...]” (GROSJEAN, 2008, p.226).

as necessidades linguísticas de seus parceiros conversacionais” (ANDREWS; RUSHER, 2010, p. 409)¹¹.

O fenômeno do contato linguístico entre línguas orais e línguas de sinais tem sido tema de interesse dos pesquisadores da área devido a suas especificidades. Como explica Lilo-Martin et al. (2014), os vários tipos de mescla linguística que ocorrem com bilíngues unimodais ocorrem também com os bilíngues bimodais. Por exemplo, o *code-switching* pode ocorrer, sendo que o sinalizador para de sinalizar (ou de falar) e começa a falar (ou sinalizar). Porém, há ainda um tipo de mescla bem mais comum entre os intermodais, conhecida como *code-blending*, que seria a sobreposição de línguas, em que se produzem sinais simultaneamente à produção de palavras numa língua oral. Esse é só é possível no bilinguismo intermodal, já que depende de canais diferentes (oral e manual).

Conforme proposta de Grosjean (2008), se as habilidades linguísticas das pessoas surdas forem avaliadas conforme o quadro 1, podemos encontrar grande diversidade e, conseqüentemente, diferentes perfis de dominância linguística global. Podemos encontrar, por exemplo, surdos que apresentam habilidades altamente desenvolvidas na produção e percepção de sinais nas modalidades sinalizada e escrita, sendo dominantes na LS, com boa habilidade de comunicação na escrita da língua majoritária e nenhuma habilidade na modalidade falada dessa língua. Ou ainda, poderíamos encontrar um surdo dominante na LO, tendo habilidades mais desenvolvidas na escrita, seguida pela oralidade – no caso da língua majoritária, e habilidades pouco desenvolvidas na LS, e sem nenhum conhecimento da escrita desta última.

No caso de refinarmos ainda mais a observação da diversidade do uso das línguas pelos bilíngues surdos, acrescentando domínios de uso (família, escola, trabalho, etc.), vamos encontrar uma situação ainda mais complexa e interessante, em que as duas línguas – LS e língua oral se distribuem com diferentes funções, em diferentes contextos. Grosjean (2008, p. 224) afirma que o bilinguismo intermodal também seria governado pelo Princípio da Complementaridade. Esse autor enuncia da seguinte forma tal princípio: “bilíngues normalmente adquirem e usam suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes

¹¹ “They codeswitch, code-mix, and code-blend frequently in order to accommodate the communication and language needs of their conversational partners” (ANDREWS; RUSHER, 2010, p. 409).

domínios, com diferentes pessoas. Diferentes aspectos da vida frequentemente demandam diferentes línguas” (GROSJEAN, 2008, p. 23).

Assim, nos casos de bilíngues surdos que têm familiares surdos e trabalham na área, como professores de LS, por exemplo, o uso da LS é dominante nesses contextos. Já em outros casos, para os surdos que têm familiares ouvintes que não sabem LS e trabalham com ouvintes, a língua oficial (oral ou escrita) acaba sendo a língua mais utilizada nesses domínios. Ainda a título de ilustração, podemos considerar como alguns surdos se comunicam com seus amigos surdos e ouvintes, sendo que, provavelmente, a LS é a língua dominante nesse domínio. É importante destacar que, para os bilíngues surdos, além de questões presentes no Princípio da Complementaridade – a saber, aquelas relativas aos propósitos da comunicação, aos domínios de uso e às pessoas envolvidas – há também questões relativas às possibilidades de desenvolvimento da oralidade e da compreensão auditiva e também com os usos sociais da escrita de sinais, que ainda são restritos. Essa relação língua da comunicação face a face e língua da escrita vai perpassar todos os domínios de uso das línguas pelos bilíngues surdos.

Atitudes linguísticas

Além das questões relativas à história linguística dos surdos, ao uso e à fluência das/nas línguas, as atitudes linguísticas da comunidade surda são um importantíssimo fator a se considerar na descrição do bilinguismo dos surdos e na explicação da forma como as línguas são utilizadas no cotidiano desses bilíngues. Tal questão torna-se especialmente central ao se confirmar que a LS é o símbolo por excelência da comunidade surda e seu uso como língua principal está intrinsecamente ligado ao pertencimento a essa comunidade (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001; PLAZA-PUST, 2012). Conforme revisão de Plaza-Pust (2012), “a perda auditiva não é o único determinante do pertencimento à comunidade, sendo crucialmente determinado pela escolha da LS como principal meio de comunicação

(WOLL; LADD, 2003) e solidariedade, baseada no conceito de surdez atitudinal” (LADD, 2003; ERTING; KUNTZE, 2008 *apud* PLAZA-PUST, 2012, p. 953)¹².

Burns, Matthews e Nolan-Conroy (2001) vão além, afirmando que o uso da LS é o principal critério de identificação do pertencimento de um membro à comunidade Surda¹³. Esses autores explicam que a relação entre língua e identidade, existente para quaisquer grupos, é mais forte no caso da comunidade surda, já que outros grupos se mantêm sem suas línguas; já a manutenção da LS é essencial para a manutenção da comunidade. Nesse sentido, a despeito da falta de políticas efetivas de difusão, preservação e manutenção dessas línguas, elas continuam a ser utilizadas pelos surdos ao longo do tempo e, enquanto houver surdos e esses se reunirem, as línguas de sinais continuarão a existir.

Para compreender melhor as questões atitudinais da comunidade surda, é importante lembrar que, até pouco tempo, as LS não eram reconhecidas como línguas; ao contrário, essas línguas eram rechaçadas socialmente e comparadas a mímicas e gestos. Nesse sentido, as atitudes linguísticas frente às línguas de sinais – condicionadas por fatores sociais variados e inclusive, pela visão em relação a seus falantes (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001), vistos exclusivamente numa perspectiva médica – eram bastante negativas e influenciaram uma série de comportamentos em relação aos surdos, sua língua e sua educação, trazendo sérias consequências para a comunidade surda. O reconhecimento das línguas de sinais pela Linguística nos anos 1960 teve um importantíssimo papel na mudança de atitude da sociedade ouvinte e da comunidade surda frente às línguas de sinais (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001; PLAZA-PUST, 2012). Aliados ao reconhecimento das LS, outros fatores contribuíram para o surgimento de uma nova visão da surdez – uma visão socioantropológica (SKLIAR, 1997). Os surdos passam a se reconhecer como minorias linguísticas e a reivindicar seus direitos linguísticos. Há uma internacionalização do movimento surdo, especialmente nos anos 1980, que, aliado ao empoderamento das minorias linguísticas, provoca, em vários lugares do mundo, o despertar das comunidades surdas para a necessidade de se organizarem em movimentos políticos (PLAZA-PUST, 2012).

¹² “[...] hearing loss is not the sole determiner of Deaf community membership, as this is crucially determined by the choice of sign language as the preferred language (Woll/Ladd 2003) and solidarity, based on the concept of attitudinal deafness (Ladd 2003; Erting/Kuntze 2008)”.

¹³ “Use of natural sign language is the primary identifying criterion for membership of the Deaf community”.

Todas essas questões históricas, políticas e as vivências cotidianas dos surdos no tocante à comunicação e ao uso das línguas de sinais e da língua majoritária vão influenciar a forma como esses falantes vêem e usam suas línguas no cotidiano. Burns, Matthews e Nolan-Conroy (2001) fazem uma revisão sobre atitudes linguísticas em comunidades surdas e, considerando a dinamicidade das atitudes linguísticas, apontam mudanças significativas das atitudes dos surdos frente ao uso da LS e da língua majoritária. O estudo de Fenn (1992 *apud* BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001), que examinou as atitudes linguísticas de estudantes da Universidade de Gallaudet, mostrou que os estudantes avaliaram melhor os surdos usuários da ASL do que aqueles que usavam o inglês sinalizado ou sinalização de contato. Esse estudo se contrasta com uma visão apresentada em um texto de uma coleção produzida por estudantes desta mesma universidade em que o autor admitia que sentia que precisava usar mais o inglês sinalizado para parecer mais “esperto” (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001).

Ainda que atualmente possamos dizer que muitos surdos, inclusive no Brasil, se conscientizaram de sua condição de usuário de uma língua minoritária, ainda assim as situações de bilinguismo de minorias trazem a esses bilíngues uma situação de tensão envolvendo as duas línguas. E conseqüentemente há atitudes ambivalentes que dizem dessa história de vivências do preconceito com as LS e seus usuários e da necessidade de afirmação da identidade surda (KANNAPPELL, 1982 *apud* BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001). Soma-se a essas questões o nível de bilinguismo alcançado por esses bilíngues, como se pode confirmar no trecho abaixo.

A maioria das pessoas surdas são bilíngues em algum nível, mas poucas são igualmente fluentes em ambas as línguas – a língua falada e a língua de sinais de seu país, e isso pode variar ao longo de um contínuo tal como apresentado por Kannapell (1982) para a Comunidade Surda Americana. A posição de uma pessoa surda no contínuo pode ter algum impacto sobre suas atitudes linguísticas. Normalmente, há uma tensão entre as duas línguas: por um lado, é necessária a língua majoritária falada para a sobrevivência ou progresso social e econômico. Por outro lado, as pessoas surdas continuam a usar a língua de sinais natural, porque ela desempenha uma função mais

importante em suas vidas (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001, p. 197)¹⁴.

Como se pode ver, as atitudes linguísticas das pessoas surdas vão ser informadas por várias vivências, por sua história e por seu perfil linguístico e terá, por sua vez, impacto nas escolhas e usos das línguas no cotidiano, sendo um importantíssimo fator a se considerar na descrição desses bilíngues.

Considerações finais

Com os estudos aqui relatados, constata-se que o bilinguismo dos surdos guarda semelhanças e diferenças com o bilinguismo de línguas faladas e, ainda que a comparação intuitiva possa trazer reflexões para a área, são necessários estudos que descrevam e analisem esse tipo de bilinguismo. A complexidade do bilinguismo dos surdos relacionada às possibilidades de acesso dos surdos às línguas, à diversidade dos perfis dos bilíngues, à relação entre a língua majoritária e a LS, aos contextos sociolinguísticos onde se desenvolvem os indivíduos e as comunidades surdas, entre outros, traz importantes desafios na compreensão desse fenômeno. Destaca-se aqui que o bilinguismo é um fenômeno multifacetado, e que as diferentes dimensões desse fenômeno precisam ser exploradas nos estudos. As questões psicolinguísticas, por exemplo, que não foram tratadas aqui, e que envolvem o processamento e a representação da linguagem pelos bilíngues surdos, devem também ser abordadas para que seus resultados, por sua vez, possam informar estudos aplicados voltados ao ensino-aprendizagem de línguas por esses bilíngues. Cabe finalmente apontar a potencial contribuição dos estudos sobre o bilinguismo dos surdos na definição de políticas linguísticas e educacionais coerentes com a dinâmica desse tipo de bilinguismo.

¹⁴ “Most deaf people are bilingual to some degree, but few are equally fluent in both the spoken and sign language of their country, and they may vary along a continuum such as that offered by Kannapell (1982) for the American Deaf community. A deaf person’s position on the continuum may have some impact on their language attitudes. Typically, there is a tension between the two languages: on the one hand, the spoken majority language is needed for social and economic survival or advancement; on the other hand, deaf people continue to use natural sign language because it plays a most important function in their lives” (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001, p. 197).

Referências

ANDREWS, J. F.; RUSHER, M. Codeswitching techniques: evidence-based instructional practices for the ASL/English bilingual classroom. **American annals of the deaf**, vol. 155, n.4, 2010, p. 407-424.

ANN, J. Bilingualism and language contact. In: LUCAS, C. (Org.). **The sociolinguistics of deaf communities**. New York: Cambridge University Press, 2001, p.33-60.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. In: BRASIL. **Presidência da República**. Presidência da República Federativa do Brasil, 2005.

BOUDREAULT, P.; MAYBERRY, R. I. Grammatical processing in American Sign Language: age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure. **Language and cognitive processes**, v. 21, n. 5, 2006, p. 608–635.

BURNS, S.; MATTHEWS, P.;NOLAN-CONROY, E. Language attitudes. In: LUCAS, C. (Org.). **The sociolinguistics of deaf communities**. New York: Cambridge University Press, 2001, p. 181-215.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. Sign Writing: como escrever a articulação visível dos sinais da Libras. In: _____. **Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2012. v. 1, p. 168-171.

CRUZ, C.; PIZZIO, A.; QUADROS, R. Avaliação da discriminação fonêmica do português brasileiro e da Língua de Sinais Brasileira em crianças ouvintes bilíngues bimodais e em crianças surdas usuárias de implante coclear. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, Jan./Jun., p. 337-360, 2015. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/view/42824/25976>>. Acesso em: 02 de Jul. 2016.

FERNANDES, S. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1999, v. 2, p. 59-81.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GROSJEAN, F. The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf world. **Sign language studies**, v. 77, 1992, p. 307–320.

_____. Individual Bilingualism. In: ASHER, R. (Org.). **The encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, p. 1656-1660.

_____. Studying bilinguals: metodological and conceptual issues. **Bilingualism: language and cognition**, v.1, n. 2, 1998, p. 131-149.

_____. **Studying bilinguals**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2008.

_____. Bilingualism: a short introduction. In: GROSJEAN, F.; LI, P. (Org.). **The psycholinguistics of bilingualism**. Malden: Willey-Blackwell, Inc., 2013, p. 5-25.

HOFFMEISTER, R. J. Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1999, v. 2, p. 113-207.

_____. A piece of the puzzle: ASL and comprehension in deaf children. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. R. (Org.). **Language acquisition by eye**. Mahwah: Psychology Press, 2000, p.143-163.

LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M.; PICHLER, D. C.; FIELDSTEEL, Z. Language choice in bimodal bilingual development. **Frontiers in psychology**, v. 5, Out. 2014, p. 1-15.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: WEI, L. (Org.). **The bilingualism reader**. Londres: Routledge, 2000, p. 22-52.

MAYBERRY, R. I. When timing is everything: age of first-language acquisition effects on second-language learning. **Applied psycholinguistics**, v. 28, 2007, p. 537-549.

MORALES-LÓPEZ, E.; ALIAGA-EMETRIO, D.; ALONSO-RODRÍGUEZ, J. A.; BOLDÚ-MENASANCH, R. M.; GARRUSTA-RIBES, J.; GRASS-FERRER, V. Deaf people in bilingual speaking communities: the case of deaf people in Barcelona. In: LUCAS, C. (Org.). **Turn-taking, fingerspelling and contact in signed languages**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2002, p. 107-155.

PLAZA-PUST, C. Deaf education and bilingualism. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Org.). **Sign language: an international handbook**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2012, p.949-979.

_____. Language development and language interaction in sign bilingual language acquisition. In: MARSCHARK, M.; TANG, G; KNOORS, H. (Org.). **Bilingualism and bilingual deaf education**. Oxford University Press, 2014, p.23-53.

QUADROS, R. M. de. Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda. In: **Seminário Desafios e possibilidades na educação bilíngüe para surdos**, Jul. 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas - Rio de Janeiro: Ed. Littera Maciel Ltda, 1997, p.70-87.

_____. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (Org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Série Estudos da Língua de Sinais, v. 1. Florianópolis: Insular, 2013, p. 15-36.

_____; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____; PIZZIO, A. L.; CRUZ, C. R.; SOUSA, A. N. de. Mosaico da Linguagem das crianças bilíngues bimodais: estudos experimentais. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** v. 16, n. 1, 2016, p. 1-24.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: _____ (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 75-110.

SILVA, I. **As representações do surdo na escola e na família: entre a (in)visibilização da diferença e da “deficiência”**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, G. **Lendo e sinalizando textos: uma análise etnográfica das práticas de leitura em português de uma turma de alunos surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, S. **Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas às práticas pedagógicas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. **Compreensão leitora em segunda língua de surdos sinalizantes da Língua de Sinais: um estudo comparativo entre estudantes de uma educação em ambiente bilíngue e não bilíngue**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SOUSA, A. N.; QUADROS, R. M. de. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 327-346, 2012.

STRONG, M.; PRINZ, P. Is American Sign Language skill related to English literacy? In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. R. (Org.). **Language acquisition by eye**. Mahwah: Psychology Press, 2000, p.131-141.

WEI, L. Conceptual and methodological issues in bilingualism and multilingualism research. In: BHATIA, T.; RITCHIE, W. (Org.). **The handbook of bilingualism**. 2 ed. Malden: Willey-Blackwell, 2013, p. 26-51.

WOLL, B.; MACSWEENEY, M. Let's not forget the role of deafness in sign/speech bilingualism. **Bilingualism: language and cognition**, v. 19, n.2, 2016, p. 253-255.

Abstract

Bilingualism experienced by the deaf community is a kind of minority bilingualism in which members of this community use sign language and the official language of the country in various domains of daily life. Although there are recent advances in the recognition of linguistic rights of the deaf in Brazil, and the description of Libras, the bilingualism situation experienced by the Brazilian deaf remains poorly described. Considering such issues, this article proposes to conduct a discussion on the bilingualism of the deaf, through a literature review of studies on bilingualism and deafness, mostly conducted outside Brazil. Issues will be discussed concerning the linguistic history of the deaf, the everyday usage of language and the role of language attitudes. These factors are fundamental in understanding the intermodal bilingual deaf profile, which are crucial in researches aimed at describing and analyzing the bilingualism of the deaf in Brazil.

Keywords: *Bilingualism of the deaf. Bimodal bilingualism. Sign language. Libras (Brazilian Sign Language). Portuguese*